

Civilizado até a morte

Excertos do livro *Civilized to Death*



Christopher Ryan

Civilizado até a morte

Excertos do livro *Civilized to Death*, de Christopher Ryan, com previsão de lançamento para outubro de 2019. Tradução livre.

Fonte: <https://chrisryanphd.com>

CONTRACIV, 2018
CONTRACIV@RISEUP.NET
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG

“Uma época pode ser considerada acabada quando suas ilusões básicas são esgotadas.” – Arthur Miller

O progresso, a ilusão básica da nossa época, está esgotado. As crianças normalmente não esperam mais que suas vidas sejam melhores do que as de seus pais. Cenários distópicos aparecem cada vez mais na consciência pública, à medida que a pescaria acaba, os níveis de CO2 aumentam e as nuvens de vapor radioativo surgem de usinas nucleares “à prova de falhas” que falharam. Apesar das maravilhas tecnológicas de nossa época, ou talvez por causa delas, esses são dias sombrios. Como o comediante Louis C.K. disse: “Tudo é maravilhoso, mas ninguém está feliz”.

Mesmo para os mais afortunados entre nós, a abundância material chega com um preço muito alto. Facebook é um substituto oco para a presença. Nós produzimos mais comida do que nunca, mas fome e desnutrição são padrão na maior parte do mundo, enquanto o resto de nós nos enchemos literalmente até a morte. O desespero escurece cada vez mais as vidas, à medida que as taxas de depressão clínica e suicídio continuam sua sombria ascensão no mundo desenvolvido. Um terço de todas as crianças americanas são obesas ou gravemente acima do peso, e cinquenta e quatro milhões de pessoas são pré-diabéticas. Pré-escolares representam o mercado de mais rápido crescimento para os antidepressivos, enquanto a taxa de aumento de depressão entre as crianças é superior a 20%, de acordo com um estudo recente de Harvard. Acredita-se que 24 milhões de adultos americanos sofram de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, em grande parte devido às guerras intermináveis que se tornaram parte da vida moderna para a classe baixa em expansão, com poucas outras oportunidades de emprego.

É comum imaginar como um antropólogo de Marte veria nosso mundo ou o sábio conselho que um emissário do futuro traria de volta. Mas como uma viajante do tempo do nosso passado pré-histórico avaliaria as vidas que levamos e as perspectivas futuras para o caminho em que estamos? Tal visitante de 200 séculos atrás, sem dúvida, ficaria impressionado com muito do que encontraria aqui. Mas uma vez que seu espanto por iPhones, viagens aéreas e transplantes de fígado diminua, o que ela diria de nossas vidas diárias? Será que ela ficaria mais impressionada com nossos avanços ou

consternada com o que perdemos em nossa corrida sempre acelerada em direção ao futuro?

Com a fé no futuro derretendo como uma geleira superaquecida, mesmo que o contentamento com o presente se evapore, é hora de uma reavaliação sóbria do passado. Dez mil anos desde que nos afastamos do antigo caminho que nossos ancestrais percorreram desde sempre, é hora de uma visão multidisciplinar e cientificamente informada dos efeitos dessa divergência fatal. É hora de fazer esta que pode ser a pergunta mais subversiva de todas: os humanos modernos, mesmo os mais afortunados entre nós, vivem vidas significativamente melhores que nossos ancestrais pré-civilizados? Tomado como um todo, a civilização é um ganho líquido para seres humanos individuais?

Cadê meu Jetpack?

Em 1928, o famoso economista John Maynard Keynes escreveu um ensaio chamado “Possibilidades econômicas para nossos netos”, no qual ele imaginou o mundo um século depois. Em 2028, ele previu, as coisas seriam tão boas que ninguém precisaria se preocupar em ganhar dinheiro. Na verdade, o principal problema que as pessoas enfrentariam, segundo Keynes, seria o que fazer com todo o seu tempo livre: “Pela primeira vez desde sua criação, o homem enfrentará seu problema real, permanente: como usar sua liberdade das preocupações econômicas prementes, como ocupar o lazer, que a ciência e o interesse composto terão vencido”.

Na verdade, o americano médio trabalha tantas horas hoje quanto o fez em 1970 e tem sorte se tirar algumas semanas de folga em um ano. No geral, a riqueza aumentou, mas na América, quase todo o aumento foi para o 1% mais rico. Os países europeus têm sido mais equitativos, pelo menos na distribuição do tempo livre. De acordo com Elizabeth Kolbert, “o americano médio empregado trabalha cerca de cento e quarenta horas a mais por ano do que o inglês médio e trezentas horas a mais do que o francês comum. (A lei francesa atual determina que os trabalhadores recebam trinta dias de férias pagas por ano, a lei britânica vinte e oito; a cifra correspondente nos EUA é zero)” [1].

Ah, o glorioso futuro de lazer! Sempre ao virar da esquina, mas nunca chegando. Será que estou sendo duro demais com o progresso? Tome uma mostra do biólogo evolucionista Stephen Jay Gould, que escreveu que “O progresso é uma ideia nociva, culturalmente incorporada, não testável, não operacional, intratável, que deve ser substituída se quisermos entender os padrões da história”[2]. Jared Diamond também não está convencido da propaganda pró-progresso, embora ele seja um pouco mais diplomático em suas dúvidas:

“Palavras como ‘civilização’ e frases como ‘ascensão da civilização’ transmitem a falsa impressão de que a civilização é boa, caçadores-coletores são infelizes, e a história dos últimos 13.000 anos envolveu progresso em direção a um maior desenvolvimento da felicidade humana? De fato, eu não assumo que os estados industrializados sejam “melhores” do que os grupos de caçadores-coletores, ou que o abandono do estilo de vida caçador-coletor para a condição de Estado representa “progresso”, ou que tenha levado a um aumento de felicidade. Minha impressão pessoal, ao ter dividido minha vida entre as cidades dos Estados Unidos e as aldeias da Nova Guiné, é que as chamadas bênçãos da civilização são confusas”[3].

Civilização: um pacote

A história não é uma coleção de tópicos que conectam pessoas e ideias individuais ao longo do tempo; a história é uma teia na qual todas as ideias e todas as vidas estão emaranhadas. Civilização é um pacote. Coisas positivas não aparecem de repente sem contexto ou custo. Elas vêm envoltas nas condições antecedentes e crueldades de sua criação: nenhum blues sem escravidão; nenhum pouso na Lua sem cientistas nazistas; nenhum Matadouro Cinco sem Vonnegut se encolhendo num frigorífico subterrâneo enquanto Dresden queimava acima dele.

Uma dúzia de meias por US \$ 3,99 no Walmart parece uma pechincha até que você inclua as fábricas clandestinas do Camboja e os pesticidas de algodão em seus cálculos. Uma garrafa de “água de nascente natural” em sua mochila é uma ótima ideia até você pensar um pouco nos estimados 5 trilhões de peças de plástico poluindo os oceanos do mundo — totalizando 269.000 toneladas de lixo plástico na superfície do mar azul profundo [4]. Não

há dúvida de que a estabilidade política resultante do império mongol permitiu avanços significativos em ciência, comércio e tecnologia agrícola. Alguns historiadores chegam a argumentar que a Renascença européia foi um renascimento não da Grécia ou de Roma, mas de conceitos espalhados pelas devastadoras hordas mongóis. (Para um exemplo de um aspecto positivo de Genghis Khan e os mongóis, veja Genghis Khan e Making of the Modern World, 2005, de Jack Weatherford). Poderia ser. Mas esses avanços valeram o sofrimento das estimadas 50 milhões de pessoas que os mongóis estupraram e massacraram? As conquistas do capitalismo mundial valem a exploração e a destruição generalizadas, essenciais para seu sucesso? Eu acho que depende de quem você pergunta, e quando [5].

Assim como nunca há menção de TEPT, membros perdidos ou traumas cerebrais em comerciais de recrutamento “Seja tudo que você pode ser” no exército dos EUA, e o matadouro não é mencionado em anúncios de hambúrguer, a maioria dos custos da civilização está visivelmente ausente de conversas educadas. Você sabia, por exemplo, que forrageadores raramente trabalham mais do que algumas horas por dia? As crianças na escola não aprendem que os caçadores-coletores eram, em média, cerca de seis a sete polegadas mais altos do que os agricultores que os substituíram, e tinham uma saúde muito melhor em geral, ou que menos de um por cento dos forrageadores experimentavam cárie dentária ou doença gengival. Condições dolorosas que dispararam para taxas 20 vezes maiores com a adoção da agricultura. Elas não ouvem que a confederação dos iroqueses teve uma influência profunda na criação da Constituição dos EUA [6]. Apesar da esmagadora evidência de que nossos ancestrais caçadores-coletores que sobreviveram à infância tinham vidas que tipicamente se estendiam até os 60, 70 e às vezes além, ainda estamos cercados por “especialistas” que insistem em repetir a desinformação que eles viviam até os 30 anos. Ignorando décadas de cuidadosa pesquisa feita por antropólogos e etnólogos que demonstram o baixo estresse e conflitos infrequentes, o público tem repetidamente assegurado que nossos ancestrais pré-históricos enfrentaram vidas de guerra constante e estavam à beira da fome.

Nossa insistência em considerar apenas o lado positivo da civilização, ignorando muitos de seus custos e, inversamente, demonizando a pré-história com desinformação repetida, é tão equivocada (e perigosa) quanto

prestar atenção apenas à parte visível do iceberg. No final, é a agitação massiva e submersa que determinará nosso destino, tanto no nível individual quanto no global.

[1] The New Yorker, 5/26/14, p. 74, por Elizabeth Kolbert.

[2] Gould (1988), “Substituindo a ideia de progresso por uma noção operacional de direcionalidade”, em M.H. Nitecki (ed.), Progresso Evolutivo. p. 319.

[3] Armas, Germes e Aço, p. 18.

[4] Poluição Plástica nos Oceanos do Mundo: Mais de 5 trilhões de pedaços de plástico pesando mais de 250.000 toneladas no mar. Publicado em: 10 de dezembro de 2014. DOI: 10.1371 / journal.pone.0111913.

[5] <http://chronicle.com/article/SlaveryCapitalism/150787>. Sobre a escravidão como um antecedente necessário do capitalismo, ver: A metade nunca dita: Escravidão e a realização do capitalismo americano, 2014, por Edward E. Baptist, ou Império do Algodão: Uma História Global, 2014, por Sven Beckert.

[6] Forgotten Founders: Como o índio americano ajudou a moldar a democracia, 1982, Bruce E. Johansen.



CONTRACIV, 2018
CONTRACIV@RISEUP.NET
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG



Esta obra é livre. Pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição.